

Os museus da imigração e seus acervos: um campo para o estudo da história¹

*Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos**

Introdução

Em Santiago do Chile, em janeiro de 2001, no VII Seminário Internacional *Campos, métodos e paradigmas: o novo nas Ciências Humanas e Sociais*, promovido pelo Instituto de Estudos Avançados (IDEA) da Universidade de Santiago do Chile (USACH) apresentou-se pela primeira vez um texto que trazia como mote o tema dos museus enquanto campo de pesquisa. O estudo tinha por objetivo discutir a viabilidade e a adequação da pesquisa histórica no espaço museológico buscando na historiografia alguns exemplos já desenvolvidos. Com tal proposta queríamos mostrar que os Museus poderiam ser locais possíveis de leitura e de observação da sociedade. Nestes espaços, dizíamos, as pesquisas seriam feitas através de projetos desenvolvidos a partir das diferentes leituras da realidade que os Museus pudessem nos possibilitar. De lá para cá muitos outros textos foram escritos. Nós desenvolvemos um projeto² que analisou as “marcas” da imigração nos museus dedicados aos distintos grupos imigrantes que vieram para o Brasil e para o Cone Sul da América nos séc. XIX e XX. Este texto é, portanto, um dos resultados da pesquisa que desenvolvemos e que buscou analisar como as memórias imigrantes vêm sendo exibidas nos espaços museológicos. Ou seja, queremos verificar como os museus brasileiros constroem um discurso sobre os imigrantes a partir dos fragmentos doados aos espaços museológicos. O contexto em que a pesquisa está inscrita apresenta muitas variáveis analíticas, mas em suas grandes linhas está inserida no contexto das representações sobre a imigração.

* Doutora em História pela UFRGS e professora do Programa de Pós-Graduação em História e do Curso de Graduação em História da UNISINOS.

O cenário da imigração/emigração e a experiência vivenciada por diferentes grupos (alemães, italianos, poloneses, judeus, japoneses, árabes e outros grupos) deram ao Brasil –em especial ao Sul e Sudeste do país– como áreas receptoras de imigrantes, características próprias e uma cultura marcada pela influência dos países de origem desses grupos. Esta influência aparece entre outros lugares, nos fragmentos existentes nos museus, que passaram a abrigar uma memória imigrante, oriunda desse processo histórico e cultural que foram as migrações internacionais.

Um campo de estudos para a imigração

O foco na construção da memória imigrante a partir de objetos expostos em museus da imigração nos leva a constatar que os museus construíram ou vem construindo uma memória para os imigrantes a partir dos objetos doados por estes mesmos imigrantes a estas casas de memória. Mas, existem estudos que apóiam teórica e metodologicamente as exposições organizadas nestes espaços? Ou simplesmente se reproduz pelos objetos um perfil para os imigrantes?

Como espaços portadores de historicidade, os museus representam, entre outros aspectos, vontades, poderes, memórias e imaginários e trabalham com representações construídas através de fragmentos da cultura material e elementos da cultura imaterial que por sua vez estão ligados à vida de personagens ou às histórias locais, regionais e nacionais. Expressar grandeza, poder e vontade política, celebrar, buscar uma ou muitas identidades e impedir o esquecimento, são ações que levam à criação de instituições museológicas dependendo do momento histórico pelo qual passa a região, a cidade, o país. Neste sentido podem imperar vontades de grupos específicos e/ou vontade política de algum governante.

Em se tratando de espaços de memória, os prédios que abrigam os acervos museológicos são partes importantes para a leitura da sociedade que os organiza porque eles quase nunca são construídos com a finalidade de abrigar um determinado acervo. Podem ser espaços cuja historicidade esteja ou não ligada à memória do acervo que abriga e, no caso, possuir uma memória individual própria, inserida no conjunto da História Regional/Nacional. Ao Patrimônio Cultural preservado e tombado agregar-se-á, então, o valor do acervo museológico ali fixado.

Um museu, “é uma instituição que coleciona, documenta, preserva, exhibe e interpreta evidência material [ou imaterial] e informação associada, para o benefício público.”³ Ou seja, um museu organiza os mais variados acervos, desenvolve estudos e pesquisas sobre os mesmos e depois os expõe, usando para isso uma linguagem própria. No espaço museológico, portanto, a cultura material e imaterial é elaborada, exposta, comunicada e interpretada.

É no acervo, diz Osório⁴, que está o coração do museu. É ele quem explicita a finalidade da Instituição assim como a vontade de seus organizadores. É também no acervo que os objetos são elaborados (recolhidos, limpos, acondicionados, restaurados e catalogados). A elaboração da cultura material/imaterial, porém, não é uma atitude neutra. Ela possui uma carga de subjetividade oriunda do grupo que a elabora. Ao priorizar aquilo que os organizadores guardaram está-se destacando também aquilo que foi deixado de lado por este mesmo grupo. Essa constatação nos leva a dizer que a elaboração da cultura material não é uma atitude ingênua ou neutra, porque tal elaboração possui uma carga de subjetividade oriunda de quem a elabora.

Do mesmo modo, uma exposição é carregada de significados. Uma exposição sobre a temática da emigração/imigração, por exemplo, será portadora de discursos e prene de representações sobre tais grupos, uma vez que a ação de exhibir significará também re(a)presentar e explicar. É a expografia, pelo seu caráter conceitual quem dará o fio condutor da interpretação o que nos permitirá dizer que a exibição compreendida no desdobramento da expografia é um exercício conceitual.

Sendo, ao mesmo tempo, lugar da memória e espaço de (re)elaboração e re(a)apresentação dessa memória (pela equipe museológica) um museu, em sua organização, expressa diferentes aspectos da sociedade em que está inserido, relacionando os objetos expostos com o que foi produzido e guardado por tal sociedade e, ao mesmo tempo, faz uma interpretação desta mesma sociedade.

Nesse sentido observamos que todas as sociedades produzem objetos, seja em escala artesanal, seja em escala industrial. Isto não torna os objetos produzidos necessariamente peças de museu, mas quando tais artefatos são retirados do convívio do grupo por vontade do próprio grupo e recolhidos aos espaços museológicos, há uma mudança de perspectiva e é, quase sempre, indicativo de que a comunidade ou o grupo familiar produtor ou possuidor desse fragmento está buscando preservá-lo deixando a ‘sua’ marca na sociedade em que está inserido.

Assim sendo, os artefatos, descontextualizados ou como parte de uma coleção, quando são colocados no museu são elevados à condição de peças únicas ou distinguidas e entram num outro processo, que é o processo museal. Nesse novo contexto, depois de catalogados e estudados serão expostos sozinhos ou com outros objetos, criando –se outra linguagem para reinscrevê- los na mostra. Aquelas memórias compostas por objetos ou fotos, jornais, ou livros, saberes e fazeres depositadas no museu pelas famílias, será musealizada a partir de um exercício conceitual (a expografia) e (re)contará a história desses imigrantes. Os objetos retornarão então ao público com outra dimensão de análise e com a função de memória, de recordação, de re(a)presentação de uma etapa, de um momento da vida de um grupo de imigrantes. Para Ulpiano Bezerra de Menezes, “não compete mais ao museu produzir e cultivar memórias e sim analisá-las, pois elas são um componente fundamental da vida social.”⁵

Pesquisa, exposição e memória (re)visitada

Uma exposição, quando fruto de uma pesquisa tem sempre algo para dizer, uma vez que toda exposição tem um discurso implícito ou explícito, e é preciso que o mesmo seja comunicado ao público visitante, que é a outra face do trabalho museológico.

Comunicar através de objetos tridimensionais é um dos objetivos dos museus e comunicar pela exposição exige conhecimento por parte de quem expõe. Exige, portanto, um trabalho de pesquisa que é anterior, de bastidores.

Maria de Lourdes Parreiras Horta destacou que “como qualquer instituição social, os museus se baseiam num sistema de trocas, de veiculação e de circulação de informações, de mensagens e discursos de bens materiais e imateriais.”⁶

Qual é, então, o fato central do Museu? O fato central é o momento em que os objetos previamente selecionados e exibidos são observados por alguém. É um momento de comunicação, mediado por aqueles que criam, selecionam e mostram os objetos. Estes, por sua vez, são colocados ali para serem vistos, com uma intenção, com um propósito.

E quem são, em última análise, os imigrantes que doam os objetos aos museus? De quem falo quando os nomeio, quando os analiso no museu? Na busca dessa resposta procuro palavras que os signifiquem. Quando falo no emigrante, estou falando de alguém que “deixou um país, geralmente o de origem, para ir estabelecer-se em outro.”⁷

Imigrante é palavra cujo significado é ligado ao ato de “entrar num país estrangeiro, para nele viver.”⁸ Emigrar é cortar laços, é cortar o cordão umbilical. É deixar para trás um tipo de vida e tudo que ela envolve. Ser imigrante, por seu turno envolve o desconhecido, o novo. Viver num novo país traz consigo uma carga diferente para o imigrante, obrigando-o a pensar-se como ‘o outro’, a ter que se adaptar e readaptar. A imigração “é em primeiro lugar, um deslocamento de pessoas no espaço [...] físico”, o que nos permite dizer que ser imigrante é ser de um outro lugar.⁹ Um imigrante, para Sayad é, então, alguém que deixou sua terra natal para buscar terra e trabalho noutro país e lá, marcado como estrangeiro viver com a esperança de voltar. Ou seja, viver provisoriamente. Nesse sentido, a imigração é uma experiência nostálgica. Lopreato, por exemplo, diz que os emigrantes “só descobrem quem são depois de sua chegada à América.”¹⁰

Quando se deslocaram da Europa para a América, os emigrantes fizeram mais do que um deslocamento físico, uma travessia. Ao fazer este movimento trouxeram consigo seu enxoval onde estavam as coisas pessoais para além de roupas e objetos. Suas malas continham pertences de diferentes valores sendo alguns de valor simbólico, porque ligados às histórias pessoais do grupo. Nesta bagagem única vinham, portanto, acopladas, as lembranças da terra que fora deixada. Seus pertences tornavam-se portadores da memória do mundo deixado. O deslocamento passará a ser ao mesmo tempo social, político, econômico e cultural, estando ainda inserido num mundo que se (re)ordenava.

É nesse recorte que a memória ocupará um lugar significativo e desempenhará “a sua função social através de liturgias próprias”, apoiada em lembranças provocadas por vestígios do passado.¹¹ Por isso, “o seu conteúdo é inseparável dos seus campos de objetivação e de transmissão –linguagem, imagens, relíquias, lugares, escrita, monumentos– e dos ritos que o reproduzem.”¹² As lembranças comuns e as repetições rituais como as festas familiares, assim como a responsabilidade de transmitir esta herança serão fatores fundamentais para a construção de um sentimento de pertença ao grupo e para a construção de uma identidade. Nesse espaço se inserem também os museus. Eles são os lugares de guardar a memória e ao mesmo tempo de re(a)apresentação dessa memória para o público.

Sendo instituições que contam com equipes especializadas, sede de caráter fixo e sendo responsáveis pela aquisição, preservação, pesquisa e exposição dos testemunhos (materiais e imateriais) da cultura, os museus têm uma historicidade própria cuja origem

remonta à Grécia antiga, passa pelos gabinetes de curiosidades, se alarga com as discussões sobre o Estado-nação e a memória nacional e chega ao final do século XX buscando ampliar sua área de atuação através de múltiplas ações educativas e da apropriação democrática da cultura pelas comunidades. Alguns trabalhos produzidos nas duas últimas décadas refletiram estas mudanças tanto na forma de pensar os espaços museológicos em relação à sociedade em geral quanto na forma de apresentar suas exposições. O sentido discursivo da exposição ou do acervo dos museus, nos últimos anos, deve ser repensado ou substituído por outros símbolos ou por outros valores que deverão vir dos interesses da comunidade em que o museu está inserido e a partir da discussão entre vários campos do conhecimento entre os quais o da história, da antropologia, da geografia, da sociologia, da filosofia, da arquitetura e da comunicação.

À guisa de conclusão

O desafio que se impõe hoje para o historiador que toma o museu como seu objeto de pesquisa, é o de investigar a importância cultural e a inserção social e política do museu em uma dada sociedade e em determinada época explicitando correspondências com suas legitimidades intelectuais e questionando a revalorização e revitalização de algumas heranças do passado. Para que o processo acima descrito se desencadeie e o historiador possa trabalhar com o discurso contido nos objetos e/ou nas instituições museológicas é necessário que ele reconheça o museu como portador de discursos e de práticas culturais.

Bibliografia

- BANN Stephen, *As invenções da história*, São Paulo, UNESP, 1996.
- BEZERRA DE MENESES Ulpiano T., “Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico”, en: *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, USP, vol. 2, 1994.
- BREFE Ana Cláudia Fonseca, “Os primórdios do Museu: da elaboração conceitual à instituição pública”, en: *Projeto História*, núm. 17, São Paulo, PUC-SP, 1998.

CATROGA Fernando, “Memória e história”, en: PESAVENTO Sandra Jatahy, *Fronteiras do milênio*, Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 2001.

DIAS OSÓRIO Elza, “Conservação em museus”, en: POSSAMAI Zita Rosane y LEAL Elisabete (Orgs.), *Museologia Social*, Porto Alegre, Secretaria Municipal de Cultura, 2000.

LEENHARDT Jacques, “As novas funções sociais dos museus”, Porto Alegre, Anotações de uma palestra, 2000.

MICHAELIS, *Moderno Dicionário da língua portuguesa*, São Paulo, Melhoramentos, 1998.

MORALES MORENO Luis Gerardo, “Qué es un museo?”, en: *Cuicuilco: Nueva museologia mexicana*, México, Revista de la Escuela Nacional de Antropología e Historia, Nueva Época, vol. 3, num.7, 1996.

PARREIRAS HORTA Maria de Lourdes, “Semiótica e museus”, en: *Estudos de Museologia*, Rio de Janeiro, Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, 1994.

PESAVENTO Sandra Jatahy (Org.), *Fronteiras do milênio*, Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 2001.

POUTIGNAT Philippe y STREIFF-FENART Jocelyn, *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*, São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1998.

SAYAD Abdelmalek, *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

TURRENT Lourdes, “Museologia: estudio científico del proceso museal”, en: *Gasetta del Museo*, México, Centro de Documentación Museologica, ENAH, núm. 8, 1997, pp. 5-8.

¹ Este texto foi apresentado em uma versão modificada no IX Encontro estadual de História da ANPUH. Porto Alegre, UFRGS, julho de 2008.

² O projeto de pesquisa Patrimônio, Memória e História: as “marcas” da trajetória imigrante nos países do Cone Sul –um estudo comparado, foi desenvolvido sob minha coordenação entre os anos de 2006 a 2009 e teve como bolsistas UNIBIC/UNISINOS as alunas Janine Kilp (2006) e Maíne Barbosa Lopes (2007 e 2008).

³ Luis Gerardo MORALES MORENO, “Qué es un museo?”, en: *Cuicuilco: Nueva museologia mexicana*, México, Revista de la Escuela Nacional de Antropología e Historia, Nueva Época, vol. 3, num.7, 1996, p. 72.

⁴ Elza DIAS OSÓRIO, “Conservação em museus”, en: Zita Rosane POSSAMAI y Elisabete LEAL (Orgs.), *Museologia Social*, Porto Alegre, Secretaria Municipal de Cultura, 2000, p. 67.

⁵ Ulpiano T. BEZERRA DE MENESES, “Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico”, en: *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, USP, vol. 2, 1994, p. 14.

⁶ Maria de Lourdes PARREIRAS HORTA, ‘Semiótica e museus’, en: *Estudos de Museologia*, Rio de Janeiro, Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, 1994, pp. 10-11.

⁷ MICHAELIS, *Moderno Dicionário da língua portuguesa*, São Paulo, Melhoramentos, 1998, p. 783.

⁸ *Ibid.*, p. 1.129.

⁹ Abdelmalek SAYAD, *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1998, p. 15.

¹⁰ Philippe POUTIGNAT y Jocelyn STREIFF-FENART, *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*, São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1998, p. 143.

¹¹ Fernando CATROGA, “Memória e história”, en: Sandra Jatahy PESAVENTO, *Fronteiras do milênio*, Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 2001, p. 48.

¹² *Ibid.*